

Eterno Retorno e Vontade de Poder: Metafísica ou Metapsicologia?

Francisco Fianco *

Resumo

O que se pretende no presente escrito é evidenciar uma interpretação dos conceitos de *Eterno Retorno* e de *Vontade de Poder* não como categorias metafísicas ou que possam fazer parte da realidade objetiva e empírica, como se poderia pensar a partir de uma certa interpretação cosmológica do pensamento nietzschiano, e sim como conceitos psicológicos, ou, ainda, metapsicológicos, conforme pudermos encadeá-los a algumas reflexões posteriores sobre a *psiquè* humana desenvolvidos por Freud que poderiam muito bem ter sua inspiração, embora nunca confessada, no pensamento do filósofo. O objetivo principal é o de demonstrar como estes conceitos funcionariam dentro da realidade subjetiva e de que maneira podem ser mais bem interpretados como tipos psicológicos do que como categorias metafísicas.

Palavras-Chave: Eterno retorno; Vontade de Poder; Metapsicologia.

Eternal Return and Will to Power: Metaphysics or Metapsychology?

Abstract:

The present article intends to highlight an interpretation of the concepts of *Eternal Return* and *Will to Power* not as metaphysical categories or that could be part of objective and empirical reality, as one could think from a cosmological interpretation of nietzschean thought. On the contrary, we refer to an interpretation of them as psychological concepts, or metapsychological, as we are able to chain them to some thoughts about human *psiquè* later developed by Freud, which could have been inspired, although this was never confessed, on nietzschean thoughts. Our main goal is to demonstrate how these concepts would work in subjective reality and in which way they could be better interpreted as psychological types rather than as metaphysical categories.

Key-words: Eternal return; Will to Power; Metapsychology.

* Prof. Dr. – Estética e Filosofia da Arte – FAFICH – UFMG

Introdução

A riqueza do pensamento nietzscheano desencadeia de sua filosofia uma pluralidade infindável de interpretações, principalmente pelo fato deste filósofo ter dado ao mundo um volume produtivo profícuo e de ter a sua filosofia se metamorfoseado ao longo de sua vida, evidenciando nítidas diferenças entre os textos de juventude e os de seu pensamento mais maduro. Desta mesma forma, alguns de seus conceitos são tão ricos que não se dispõem a uma única interpretação, como é o caso, entre outros, obviamente, os conceitos de eterno retorno e de vontade de poder.

O que se pretende no presente escrito é evidenciar uma interpretação destes dois conceitos mencionados não como categorias metafísicas ou que possam fazer parte da realidade objetiva e empírica, como se poderia pensar a partir de uma certa interpretação cosmológica do pensamento nietzschiano, e sim como conceitos psicológicos, ou, ainda, metapsicológicos, conforme pudermos encadeá-los a algumas reflexões posteriores sobre a *psiquè* humana desenvolvidos por Freud que poderiam muito bem ter sua inspiração, embora nunca confessada, no pensamento do filósofo. O objetivo principal é o de demonstrar como estes conceitos funcionariam dentro da realidade subjetiva e de que maneira podem ser mais bem interpretados como tipos psicológicos do que como categorias metafísicas.

Metafísica ou metapsicologia?

Podemos notar as diferenças de formulação do mito do eterno retorno no pensamento deste filósofo se compararmos suas duas formulações principais, a que aparece em *A Gaia Ciência*, escrita de 1882 a 1887, e nos escritos póstumos, posteriores a 1888. No primeiro caso, tendo um aspecto indiscutivelmente mais psicológico do que físico ou científico, aparece como se segue, mantendo o tom aforismático e quase profético de muitos de seus textos.

O mais pesado dos pesos. – E se um dia ou uma noite um demônio se esgueirasse em tua mais solitária solidão e te dissesse: “Esta vida, assim como tu a vives e como a viveste, terás de vivê-la ainda uma vez e ainda inúmeras vezes; e não haverá nela nada de novo, cada dor e cada prazer e cada pensamento e suspiro e tudo o que há de indizivelmente pequeno e de grande em tua vida há de te retornar, e tudo na mesma ordem e seqüência – e do mesmo modo esta aranha e este luar entre as árvores, e

do mesmo modo este instante e eu próprio. A eterna ampulheta da existência será sempre virada outra vez – e tu com ela, poeirinha da poeira!” – Não te lançarias ao chão e rangerias os dentes e amaldiçoarias o demônio que te falasse assim? Ou viveste alguma vez um instante descomunal, em que lhe responderias: “Tu és um deus, e nunca ouvi nada mais divino!” Se esse pensamento adquirisse poder sobre ti, assim como tu és, ele te transformaria e talvez te triturasse; a pergunta diante de tudo e de cada coisa: “Quero isto ainda uma vez e ainda inúmeras vezes?” pesaria como o mais pesado dos pesos sobre teu agir! Ou então, como terias de ficar de bem contigo mesmo e com a vida, para não desejar nada mais do que esta última, eterna confirmação e chancela? – (GC, § 341)

Neste ponto, Nietzsche coloca sua formulação como uma hipótese, e não como uma afirmação categórica. O fato de não ser demonstrável imputa sua aceitação por meio da fé e não da razão, evidenciando uma atitude específica frente à vida, que tem a sua validade no contexto da experiência humana, e não na realidade empírica. Diferentemente, é através de termos científicos e físicos que ele reformula o eterno retorno do mesmo nos fragmentos póstumos.

Se o mundo *pode* ser pensado como grandeza determinada e como número determinado de centros de força – e toda outra representação permanece indeterminada e conseqüentemente inutilizável, disso se segue que ele tem de passar por um número calculável de combinações, no grande jogo de dados de sua existência. Em um tempo infinito, cada combinação possível estaria alguma vez alcançada; mais ainda: estaria alcançada infinitas vezes. E como entre cada combinação e o seu próximo retorno todas as combinações ainda possíveis teriam de estar transcorridas e cada uma destas combinações condiciona a seqüência inteira das combinações da mesma série, com isso estaria provado um curso circular de séries absolutamente idênticas: o mundo como curso circular que infinitas vezes já se repetiu e que joga o seu jogo *in infinitum*. (FP 14 [188] da primavera de 1888)

Ainda assim, o autor não vai afirmar categoricamente esta sua outra hipótese, desta vez cosmológica, o que se evidencia através do grifo que recebe a palavra *pode*, logo no início do aforismo. A situação ainda é hipotética, apenas mudou-se a linguagem que a aborda, de um tom profético e mitológico, tendo como porta voz um demônio, para um tom científico, mas, em ambos os casos, as suposições carecem de possibilidade de verificação, o que as desqualifica do ponto de vista da rigorosidade científica, mas não do ponto de vista da possibilidade da sua validade psicológica ou da sua força na realidade subjetiva.

Esta equiparação demonstra o quanto a ciência pode ser entendida também como mitologia, pois, de ambas as formas, recai-se em um antropomorfismo, o mesmo erro que Nietzsche já apontava na *Introdução Teorética sobre Verdade e Mentira no Sentido Extra Moral*, de 1873. Parece inverossímil que ele tenha mudado de idéia quanto a um assunto tão importante em sua filosofia como a crítica à metafísica e tenha passado a pensar em caracteres metafísicos ou físicos como expressão objetiva da realidade e com validade absoluta a ponto de poder justificar e fundamentar suas teses sobre o eterno retorno senão como um novo tipo de mitologia, de explicação cosmogônica que substituísse a cristã e idealista e postulasse uma nova visão de mundo e de atitude frente à vida. O que parece mais plausível, neste caso específico, é que, na tentativa de criar esta nova mitologia anticristã e antimetafísica, o filósofo tenha se valido de toda uma linguagem proveniente e recheada de termos físicos e científicos, o que bem se encaixaria no espírito cientificista de sua época, a partir do antropomorfismo que evidenciou como sendo o procedimento específico e recheado de subjetividade que estas ciências querem que seja a visão objetiva de mundo. Ou seja, devido à incapacidade de comprovar a sua posição do retorno circular de tudo, basta que ela se oponha radicalmente à concepção idealista e metafísica que vigorou até então, constituindo, assim, não uma expressão mais aproximada da verdade, e sim uma nova mitologia, uma alternativa.

Quem não acredita em um processo circular do todo tem que acreditar no Deus voluntário – assim minha consideração se condiciona na oposição a todas as considerações teístas que houve até agora. (O Eterno Retorno [1881], § 16)

Fica impossível afirmar, obviamente, se neste ponto Nietzsche estava sendo irônico, ou se simplesmente passou a acreditar que as coisas possuem a sua realidade em si, que poderia ser desvendada pelo intelecto humano. E tal possibilidade se demonstra ainda mais assombrosa se percebermos que o que está sendo decifrado hipoteticamente não é a essência de um objeto qualquer, uma mesa ou uma cadeira, e sim a mecânica de funcionamento, a essência, por assim dizer, do universo inteiro, de todo o cosmos, no qual a existência humana é uma parcela minúscula e insignificante, exceto pelo fato audacioso de querer compreender qual é especificamente o seu papel e o tamanho de sua insignificância microscópica.

Mais coerente, se tomarmos em consideração esta projeção das estruturas psicológicas humanas na realidade do mundo exterior, seria a formulação primeira, que se torna célebre em *A Gaia Ciência*. Um de seus aspectos principais é o destaque que dá à repetição dos acontecimentos. Desenvolvendo-se este aspecto específico de tal formulação, percebe-se o peso que ganha cada acontecimento, que poderia ser suportável se acontecesse uma única e exclusiva vez, mas torna-se uma tortura infinita se fosse acontecer ciclicamente, e sempre da mesma forma, transformando o inferno na simples repetição. O movimento circular nos remete à diferença básica de percepção do tempo entre a Antiguidade Clássica e a Cristandade, a circularidade pautada nas transformações da natureza daquela oposta à linearidade cronológica desta última, instituindo sua criação como o marco da linha temporal, e, mais ainda, criando um cabedal de valores e teorias que desvalorizam o tempo no qual se inserem a vida e o momento presentes. Esta parece ser, dentro desta interpretação que se pretende aqui, a maior contribuição do pensamento nietzscheano atinente ao eterno retorno, a tentativa de retirar a verdade da vida, a eficiência e a importância da existência de um além-mundo e recolocá-la, como seria para os gregos, mormente os pré-socráticos, como parece ter sido o esforço da sua filosofia durante toda a vida, recolocá-la no momento presente, revalorizar a vida pulsante, que jorra em cada lugar e em cada minuto, que é desperdiçada por pensamentos idealistas e metafísicos na projeção de uma outra vida além desta, que é atacada pelos fracos e desprezadores da vida assim como os ratos atacam, à noite, as despensas e os silos. O pensamento do eterno retorno pode funcionar como um antídoto contra o niilismo em todas as suas múltiplas formas, como a metafísica ou o cristianismo, através da hipertrofia da importância dada ao momento presente.

Na bela, não científica nem rigorosamente filosófica, mas literária, quase poética, interpretação de Milan Kundera sobre a idéia do eterno retorno, destaca-se a força que ganha cada momento quando se lhe é tirada sua fugacidade. Qualquer coisa, tanto uma tristeza quanto uma alegria, fica inegavelmente mais terrível se deve se repetir indefinidamente, de maneira que a leveza de sua fugacidade ganha um peso insustentável através da força desta idéia. E a vida humana, dotada de tal fugacidade de existir uma vez só, se transforma em uma existência tão livre quanto insignificante, e, ao contrário, quanto mais oprimida pelo peso da repetição, mais verdadeira e real se torna, mas ainda assim mais

séria e trágica. Por isto Nietzsche dá ao seu aforismo o título de *O mais pesado dos pesos*, pois ele se constitui, pela insensatez da mera possibilidade de sua repetição infinita, em um peso levíssimo, mas, ainda assim, insustentável.

A maneira pela qual o conceito de eterno retorno na filosofia nietzschiana se aproxima da metapsicologia de Freud é através do eterno retorno do recaiado. Este vai dizer que as pulsões humanas que, por algum motivo, não podem ser satisfeitas, tendem a se retrair e, numa forma patológica, retornarem como sintoma de alguma psicopatologia. Esta descrição grosseira e breve do mecanismo psíquico do retorno do recaiado serve para traçarmos o paralelo com o eterno retorno quando aplicarmos este conceito que Freud desenvolveu para pensar o sujeito à cultura, ou seja, quando atentarmos que a sociedade moderna tão criticada por Nietzsche também pode ser encarada como uma estrutura psíquica de recalcaamento, como um enjaulamento do homem ativo e forte, como uma organização que enfraqueça, inclusive fisiologicamente, a vontade de vida no ser humano. Assim como a psicanálise vai tratar de emancipar, ou pelo menos esclarecer o porquê dos grilhões, presentes na psique humana, a filosofia de Nietzsche vai servir para proporcionar esta mesma emancipação, mas não no nível particular do sujeito, e sim, como sempre foi próprio da filosofia, no nível mais abrangente e universal da cultura. Assim é que podemos encarar o eterno retorno do mesmo como, simultaneamente, um diagnóstico da sintomatologia causada pelo recalcaamento da sociedade moderna e uma proposta de melhor lidar com este recalcaamento através da explicitação de sua onipresença e natureza.

Na formulação do eterno retorno que consta nos fragmentos póstumos, porém, Nietzsche trata do eterno retorno em dois aspectos, o primeiro é o da infinitude do tempo, que não tem começo nem fim, e que pode ser pensado interminavelmente tanto para trás quanto para frente, e o segundo é o da finitude das forças que agem dentro deste tempo. Estas forças devem ser finitas simplesmente porque se fossem infinitas o mundo poderia se tornar maior, coisas novas se criariam ao invés da eterna transformação de uma coisa em outra, a mutação da energia em outra forma de manifestação, ou, em outras palavras e falando bem claramente, a vontade de poder que existe em tudo o que vive é delimitada, ao passo que o tempo no qual ela age é ilimitado. Esta estreita ligação entre vontade de poder e eterno retorno, dentro destas formulações cosmológicas, coloca aquela como a energia que movimenta o mundo e este como a forma na qual este mundo se movimenta. Nenhuma

destas proposições foi, e tampouco poderia ser, provada por Nietzsche nem empírica nem racionalmente, mas podemos perceber que o que ocorre neste raciocínio específico é a transposição de categorias psicológicas para o terreno da física. Correndo o risco de parecer repetitivo, parece aqui que Nietzsche incorre no erro do antropomorfismo que acusa como sendo a falácia do conhecimento objetivo, que, já tendo sido trabalhada por Hume, é por ele, ainda em sua juventude, tão bem explorada.

Por outro lado, estão as razões que nos possibilitam encarar o pensamento nietzscheano como um profundo esforço psicológico, no sentido e com o intuito de entender e descrever a alma humana e seu funcionamento prescindindo totalmente das categorias metafísicas que antes explicavam a existência e que não se fazem mais presentes entre os homens desde a morte de Deus, por este filósofo, tão bem apontada. Em *Ecce Homo*, no capítulo *Por que escrevo livros tão bons*, e em diversos outros trechos de seus escritos, Nietzsche apontará o paralelo de sua filosofia com a psicologia, atribuindo-se o *status* de um grande psicólogo, ou de o primeiro psicólogo da Europa. Desta forma, na tentativa de construir um tipo de conhecimento desvinculado dos preconceitos morais e metafísicos de antanho, o pensamento deste filósofo se volta para os fenômenos psicológicos. Mas não é na superfície da *psiquè* que vai centrar seu estudo, como já faz antes dele a psicologia comum, e sim desenvolverá o que chamará de ‘a grande filosofia’, pois está baseada não na alma como unidade subjetiva, e sim no corpo, construindo um conhecimento fisiológico sobre o comportamento humano, observação, como na metapsicologia de Freud, do inconsciente, e não do consciente, identificando este com um embuste e uma idealidade. E não apenas esta consciência seria uma ilusão como também as suas percepções sobre a realidade objetiva, como as categorias metafísicas, como o dualismo entre alma e corpo, e tudo o que abrange o pensamento ocidental e seu modo de proceder, o que inclui a sua manifestação cognitiva que se pretende mais materialista e neutra, a ciência moderna. Segundo Nietzsche, mesmo os modernos lógicos e físicos, centrados em sua rigurosidade, defendendo ferrenhamente a inexistência de deus e a realidade unicamente da matéria, continuariam ligados a ancestrais artigos de fé metafísicos, como a estabilidade da verdade ou a capacidade de compreender a realidade exatamente como ela é. O fato de descrever a realidade empírica a partir de determinadas hipóteses não passaria de uma simplificação, com o objetivo de manipulação a

compreensão de certos fenômenos específicos e observáveis, mas não autoriza a concluir que a própria realidade seja exatamente do modo como é percebida por nós, sem que com isto se esteja cometendo uma arbitrariedade. Isto se daria especificamente por causa de um comportamento humano que Nietzsche chamou de “necessidade metafísica”, ou seja, uma tendência humana a querer sempre alcançar alguma coisa que sirva de esteio a suas especulações teóricas. Ou, por outro lado, o raciocínio circular que tende a explicar a existência de algo a partir da necessidade da existência deste algo, exemplificada metafísica e teologicamente pela existência de Deus por causa da necessidade inexorável de que ele exista. Também a força milenar do hábito exerce sua influência sobre o proceder da razão, uma vez que o ancestral hábito inveterado de inferir em termos de forma e conteúdo, causa e efeito, obedecendo também à estruturação gramatical à qual o pensamento se adequa, termina por fazer crer que suas hipostasiações podem dar conta de reproduzir a estrutura do real, e não apenas fossem interpretações dos processos observados por nós, seres humanos. É nesta crença ingênua que reside, por exemplo, a rigorosidade do funcionamento mesmo das mais remotas regiões do conhecimento científico.

Por estas razões é que ousamos encarar o conceito de eterno retorno não como uma explicação de como seria efetivamente a realidade, quer seja metafísica ou cosmologicamente, quer seja através de argumentos baseados na lógica dedutiva ou na empiria indutiva das ciências naturais, e sim como meramente uma maneira antropomórfica de encarar os fatos da vida, não exatamente como um imperativo ético, e sim como um procedimento psicológico, como uma *Weltanschauung*, uma forma específica de lidar com os fatos, principalmente, acompanhando Freud, com os fatos mais traumáticos. Igualmente o outro conceito, da vontade de poder, que lhe está, como vimos, intimamente ligado, não pode ser encarado como uma força física presente em todo o universo, principalmente pela sua importância dentro da grande e nova psicologia que propõe o próprio Nietzsche e que será posteriormente desenvolvida por Freud em sua metapsicologia.

Toda a psicologia, até o momento, tem estado presa a preconceitos e temores morais: não ousou descer às profundezas. Compreendê-la como morfologia e teoria da evolução da vontade de poder, tal como faço – isto é algo que ninguém tocou sequer em pensamento: na medida em que é permitido ver, no que foi até agora escrito, um sintoma do que foi até aqui silenciado. (BM, § 23)

Este aforismo aponta a aproximação entre Freud e Nietzsche se aceitarmos o paralelo, que parece evidente, entre a vontade de poder e a libido. A libido é, para Freud, uma das forças que move a psique humana, uma das energias psíquicas, ao lado das pulsões de auto-preservação do ego e de sua tendência à dissolução e à inércia, a pulsão de morte. Embora discorde de Adler quando este associa a vontade de poder, não especificamente segundo a sua formação na filosofia de Nietzsche, a uma tendência masculina e ativa de dominação, Freud ainda assim aceita similitude, ou pelo menos a analogia, entre vontade de poder e libido.

A força pela qual o instinto sexual está representado na mente chamamos 'libido' – desejo sexual – e consideramo-la como algo análogo à fome, à vontade de poder e assim por diante, na medida em que diz respeito aos instintos do ego. (FREUD, *Uma dificuldade no Caminho da Psicanálise*, Obras Completas, vol. XVII)

Em ambos, esta pulsão, esta vontade, é cega e desobjetualizada, e embora em Freud ela tenha mais relação com a sexualidade do que em Nietzsche, ambos reconhecem que ela é um estágio secundário, que acontece quando as condições de manutenção da integridade psíquica já estão asseguradas, pela satisfação dos instintos de conservação do ego naquele e pela afirmação e extravasamento do excesso de vida neste, ponto no qual a vontade de poder vai superar a simples vontade de preservar-se, ou, dito de outra forma, ponto no qual Nietzsche vai ultrapassar a concepção de vontade de Schopenhauer. A possibilidade, então, de considerar a psicologia como a evolução da teoria da vontade de poder é exatamente o que poderá descer às profundezas do ser humano e considerá-lo além dos preconceitos morais, pontos nos quais ambos estes pensadores se aproximam novamente. Mas existe em Freud uma terceira categoria de pulsão, a tendência à inércia, que ele afirma como sendo a tendência de todo orgânico de retornar ao inorgânico.

Desenvolvida em *Além do Princípio de Prazer*, a teoria da pulsão de morte pode muito bem ser relacionada à vontade de poder se forem ambas mal interpretadas. A pulsão de morte se revela antes como inércia, como um desejo de destruição de si mesmo, que só é voltado pro exterior, em forma de agressividade e violência, quando o ego é suficientemente forte pra defender-se dela e redirecioná-la para fora, para um objeto, ao invés de para si. Assim como a vontade de poder não é exatamente uma vontade de

dominação de outrem, e sim uma vontade de criação, que talvez a expressão ‘vontade de potência’, como preferem alguns tradutores de Nietzsche, dê melhor significado. Mas assim como Nietzsche buscou nas teorias matemáticas de Poincaré a fundamentação científica pra formulação cosmológica do eterno retorno, também Freud tentou basear a sua formulação da pulsão de morte nas leis da termodinâmica. Ambos sem sucesso, pois tais teorias, no que dizem respeito ao comportamento humano, tanto no geral quanto no particular, não têm equivalentes no reino das ciências naturais, e esbarram sempre na inexorabilidade das leis da natureza, que deixam entrever nas ciências, nos modelos de cognição humanos, o traço de seu espelhamento no objeto estudo.

Conclusão

Não nos cumpre aqui, em tão breve exposição, dar uma interpretação definitiva para o pensamento de Nietzsche nem sobre estes aspectos aqui abordados, nem sobre quaisquer outros aspectos de tão rica lavra, e sim expor brevemente alguns elementos e indícios da proximidade do pensamento nietzscheano das categorias metapsicológicas da psicanálise freudiana que parecem combinar melhor o eterno retorno do mesmo e a vontade de potência, aos nossos olhos, do que com as categorias físicas e cosmológicas, ou mesmo metafísicas, sugeridas por uma interpretação destes conceitos relacionados às ciências naturais. Mas, definitivamente, o que se pretendeu foi a exposição breve de alguns argumentos que, antes de configurar respostas, possa dar vazão a mais perguntas, fazendo da plurivocidade a riqueza do pensamento filosófico e da discussão o objetivo principal de todo encontro.

Referências Bibliográficas

FREUD, Sigmund. *Edição Eletrônica Brasileira das Obras Psicológicas Completa de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago.

GIACÓIA JUNIOR, Oswaldo. *Nietzsche como psicólogo*. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2001.

KUNDERA, Milan. *A Insustentável Leveza do Ser*. Rio de Janeiro: Record, 1983.

MARTON, Scarlett. *Nietzsche, das forças cósmicas aos valores humanos*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2000.

_____. *O eterno retorno do mesmo: tese cosmológica ou imperativo ético?* In.: *Extravagâncias: ensaios sobre a filosofia de Nietzsche*. São Paulo: Discurso Editorial e Editora UNIJUÍ, 2001.

NIETZSCHE, Friedrich. *A Gaia Ciência*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *Além do Bem e do Mal*. Prelúdio a uma Filosofia do Futuro. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. *Obras Incompletas*. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Editora Nova Cultural, 1999.